

Mulheres fumageiras e seus caprichos: Uma história feminina refletida a partir das concepções de gênero e poder

Margarete Nunes Santos Gomes*

Resumo: Este artigo busca fazer uma análise da construção da relação de gênero a partir do estudo da memória de mulheres trabalhadoras da atividade fumageira no Recôncavo Sul, especificamente em Conceição do Almeida-Ba, dando ênfase às mudanças ocorridas diante da inserção dessa mão-de-obra feminina nesse processo produtivo. Partindo das condições desse trabalho, do cotidiano, das memórias, busca-se traçar o perfil destes sujeitos, dedicando uma maior atenção às relações formadas no trabalho, na família, as relações de poder, além das estratégias de resistência, se referido aos papéis que estas mulheres desempenharam, considerando-se a importância histórica do trabalho feminino neste contexto social. A preocupação que permeia esta discussão envolve a divisão e hierarquização social e sexual do trabalho, história de vidas marcadas por sistemas de idéias reproduzidas historicamente, trazendo assim, uma discussão teórica sobre a história das mulheres e do gênero, suas lutas e relações de empoderamento, mulheres que assumiram novos papéis na dinâmica social o que propicia um campo fértil de análise historiográfica.

Palavras-chave: Mulheres, fumo, gênero, memória, poder.

Summary: This article looks for to do an analysis of the construction of the gender relationship starting from the study of the hard-working women's of the activity fumageira memory in South Recôncavo, specifically in Conceição of the Almeida-Ba, giving emphasis to the changes happened due to the insert of that feminine labor in that productive process. Leaving of the conditions of that work, of the daily, of the memoirs, it is looked for to trace the profile of these subjects, dedicating a larger attention to the relationships formed in the work, in the family, the relationships of power, besides the resistance strategies, if referred to the papers that these women carried out, being considered the historical importance of the feminine work in this social context. The concern that permeates is discussion it involves the division and social and sexual hierarchization of the work, history of lives marked by systems of ideas reproduced historically, bringing like this, a theoretical discussion on the women's history and of the gender, its fights and empoderamento relationships, women that assumed new papers in the social dynamics what it propitiates a fertile field of analysis historiográfica.

Word-key: Women, fume, gender, memory, power.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. (PPGHIS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: maguenunes@hotmail.com.

1- E os caprichos... femininos

“Olha...
Será que ela é moça?
Será que ela é triste?
Será que é o contrário?(...)”¹

“As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história” (PERROT, 1988: 212) afirma Michelle Perrot, sobre as condições historicamente construídas em torno das mulheres.

Para melhor entender este fato o estudo sobre as ex-trabalhadoras dos armazéns da atividade fumageira requer uma visão mais ampla das teorias que buscam compreender o papel da mulher na sociedade, no trabalho e na família. O que desperta interesses sobre as categorias de gênero e sobre as idéias feministas que foram de suma importância na luta contra as desigualdades sociais e sexuais. Também se faz necessário uma compreensão entre as relações sociais e as formas de resistência e de luta que foram vivenciadas por estas mulheres negras e pobres do Recôncavo Baiano.

Ser mulher revela os variados significados de uma cultura masculinizante e de uma história de lutas, sejam estas abertas ou camufladas, pela conquista de sua autonomia no campo das relações sociais, na construção de sua cidadania.
Ser trabalhadora na realidade brasileira representa o desafio de vencer os obstáculos de cada conjuntura política e econômica que quer reconhecer as mulheres como sujeitos economicamente ativos (SILVA, 2004: 136)

A partir do final do século XIX com o advento da indústria, deram-se início os movimentos feministas que lutavam contra o ideal de domesticidade que restringia a presença feminina nos espaços públicos e privados, além de se iniciar uma nova idéia que modificaria as concepções tradicionais de inferioridade feminina e que negava às mulheres muitos direitos.

A vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de submeter o ponto de vista da dominação, procurando mostrar a presença, a ação das mulheres na plenitude de seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes. Caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 1988:169-170)

As mulheres começaram a reivindicar uma maior participação, o que possibilitou a análise de idéias que determinavam a condição feminina. Nesta perspectiva pode-se pensar de que forma a cultura de cada povo influencia na formulação do pensamento sobre a construção

¹ Trecho da música: Beatriz, Chico Buarque de Holanda.

do ser mulher e do ser homem, condições estas construídas socialmente no tempo e no espaço. “Ser homem e ser mulher são categorias socialmente construídas e por tanto, o ser mulher, da mesma forma que o ser homem, é resultado de uma intrínseca rede de significações sociais.” (ROCHA COUTINHO, 1994: 17) Refere-se à autora na sua obra “Tecendo por trás dos panos”.

A consciência do masculino e do feminino decorre não só de processos de socialização primária, ou seja, da família, mas é também fornecida por modelos morais e comportamentais dos pais, e das instituições de ensino, nas religiões, onde se concretizam as tarefas e se interiorizam comportamentos sociais.

Essa situação possui suas raízes nos aspectos históricos e culturais que neutralizam as idéias através do poder, consolidando no cotidiano esta condição de desigualdade vivenciada pelas mulheres. Estas construções lhe conferiram certos atributos e qualidades para cumprir papéis sociais e específicos “coisas de mulher” situação essa que é reproduzida tanto na educação formal quanto na educação informal.

Na família, o processo de reconstrução vai ser determinado pelas normas de convivência relativa a valores como a virgindade, a fidelidade, repressão ao desejo sexual, que sempre foram impostos às mulheres, diferentemente da educação masculina que quase sempre foi pautada na liberdade. Esta é uma teoria que foi defendida por Simone de Beauvoir na sua obra “O Segundo Sexo” que argumenta que a mulher ao viver a função do outro, não tem vida própria, sendo simplesmente apêndice do homem.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade: é o conjunto de civilizações que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (...) A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1949 : 09-10)

Este pensamento traz uma indagação que estabelece diferenças entre os sexos “macho e fêmea” e não necessariamente entre o “homem e a mulher” que não se resume simplesmente ao sexo biológico, mas determina os papéis sociais individuais de cada grupo, segundo a condição sexual, sendo uma construção social que dispõe de relações no cotidiano, envolvendo crenças e valores que são “simbolizados, assimilados e reproduzidos em determinadas culturas, em uma determinada sociedade, num determinado tempo.” (FAGUNDES, 2003: 18)

Historicamente as mulheres trabalhadoras quase sempre foram vistas por um ângulo estereotipado como figuras totalmente passivas e indefesas que têm medo, mulheres que são dóceis e humildes e choram fácil. Essa visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar a mulher à esfera da submissão, do conformismo e do silêncio.

Mas lendo nas fissuras e entrelinhas da história percebem-se situações de resistência o que também ocorria dentro do sistema de trabalho na atividade fumageira, como afirma as entrevistadas: “A gente dava sempre um jeitinho”, “temos nossas armas” “o mestre² tinha as suas protegidas”. Neste quadro de palavras não ditas, mas subentendidas compreende-se o quanto as mulheres lutaram, resistiram, superaram e venceram, modificando suas histórias. Usava de artimanhas, sabendo que quase nunca havia a possibilidade de um diálogo aberto, ao invés da franqueza e do enfrentamento, utilizava-se de um comportamento paciente, prudente e até obscuro. A mulher desenvolveu a intuição, se tornou mais perceptiva que o homem, observava sempre e assim partiu para luta, muitas vezes fingindo uma aceitação.

2- Relações de poder na atividade fumageira

No trabalho na atividade fumageira, o direcionamento quase sempre ocorria tendo uma figura masculina como detentor do poder, a exemplo dos mestres ou fiscais, e dos próprios proprietários dos armazéns, faremos a seguir algumas inferências que surgiram durante o transcorrer da pesquisa que direcionam essa situação.

Em relação ao mestre “Inúmeras falas se referem a ele como trabalhador que pensa que é patrão e que, por não sê-lo é pior que o patrão, (...) presta serviço voluntário ao patrão, funciona como dedo-duro e é, por isso, odiado.” (CHAUÍ, 1986: 139) como nos relata Dona Clemilda (Ex-trabalhadora da atividade fumageira): “Tinha mestre que era o diabo em pessoa, não valia nada, mas, tinha outros que era gente boa.” Um discurso permeado por diversos sentimentos por vezes contraditório.

Por outro lado o mestre também é visto por muitas trabalhadoras como alguém que está cumprindo com obrigações e que é mandado pelo patrão para cumprir aquela função, e por isso mesmo deveria ser compreendido. “O mestre era empregado como a gente e tinha que prestar conta do trabalho” afirma Maria Nilza de Jesus (ex-trabalhadora da atividade fumageira). Estas falas trazem certa ambigüidade, pois ao mesmo tempo em que é visto como alguém “ruim” é visto também como alguém que vivenciava uma hierarquia como os outros

² Espécie de fiscal ou coordenador do trabalho dentro dos armazéns de fumo

trabalhadores, que era também dominado e cobrado por seu serviço. Haviam mestres que eram considerados justos coerentes e outros que eram vistos como verdadeiros “carrascos”.

As relações com os proprietários dos armazéns de fumo ou o “patrão” ao ser analisada percebe-se que este também apresenta-se como uma figura instigante. Para algumas mulheres ele era um “homem bom” alguém que estava fornecendo a elas uma oportunidade de trabalho, que às vezes adiantava o pagamento quando necessitavam, compartilhava o trabalho no fumo com estas mulheres, o que nos diz Dona Nita (Ex-trabalhadora da atividade fumageira): “ Seu Jonga era quase um pai pra gente, conversava, brincava e até comia a nossa farofa. Mas tinha outros que passava e nem olhava, mal dava bom dia”. Esta fala reflete a visão de que as trabalhadoras tinham dos chefes ou patrões, que se utilizavam também de estratégias de convivências, algumas vezes de entrosamento e outros de distanciamento, frieza e até indiferença.

As camadas dominadas tendem a ter um discurso conflituoso principalmente nas relações de trabalho com os patrões, estão quase sempre em constante oposição, na defensiva ou no ataque, dependendo da posição em que se encontre.

O trabalho propiciou uma forma de emancipação das mulheres, apesar de toda desigualdade estabelecida entre os sexos. Foi através do trabalho assalariado que estas repensaram sua condição de mulher, redefinindo seus papéis neste cotidiano. Uma outra relação de poder refere-se a imposição dos maridos pra que as mulheres não fossem trabalhar fora do lar. Fato este que pode ser comprovado na maioria das falas de diversas entrevistadas, aspecto este significativo para Dona Maria Margarida Nunes(ex-trabalhadora de armazém de fumo), que diz respeito às dificuldades vivenciadas ao decidir trabalhar fora do lar, principalmente em relação ao marido que comenta da incapacidade de aprender.

Meu marido não queria que eu trabalhasse, dizia que eu não sabia fazer nada, mas fui trabalhar e aprendi com as companheiras, comecei a ganhar meu dinheirinho e até o que é meu, comprar coisa pra dentro de casa e pra meus filhos, trabalhar é uma honra.

A elevação da participação econômica das mulheres, mesmo que em ocupações de postos de trabalhos de “menor qualificação” é responsável pela mudança de vida destas mulheres. “Meu marido não queria que eu trabalhasse, aí eu perguntei a ele, se ele tinha condição de me dá uma casa. A gente morava de favor no fundo das casas dos outros, aí eu fui trabalhar, fui ganhar o ‘meu’ dinheiro.” desabafa Dona Clemilda do Amor Divino (Ex-trabalhadora dos armazéns de fumo).

As mulheres ao relatarem fatos cotidianos vivenciados nos armazéns de fumo costumam usar o pronome “nós” ou “a gente”, privilegiando assim um convívio e uma rede social na qual fazia parte. “Naquele tempo a amizade era maravilhosa, nós sempre tinha ajuda das companheira, nós ajudava a outra que não tinha acabado o trabalho.” Idéia reforçada por Dona Augusta, 77 anos, ex-trabalhadora dos armazéns de fumo.

Esta visibilidade vem nos mostrar que as mulheres não eram totalmente submissas. Em qualquer relação de dominação há manifestação de contra-poderes, da recusa por parte dos dominados. Rebelaram-se contra maridos companheiros, mestres e fiscais. As formas de resistência à dominação, à humilhação muitas vezes ocorriam sutilmente, as mulheres burlavam as imposições, negociavam, enfrentava, a exemplo do fumo que era molhado para pesar mais, quando fazia o trabalho no lar que era o ato de “tirar trouxa”³ e fumo ao retornar ao armazém deveria ser pesado, a companheira que ajudava a outra para terminar o serviço e ganhar a diária, criar relações amigáveis com o mestre e o proprietário, relações de compadrio e de tutela.

Muitas mulheres trabalhadoras têm plena consciência da situação que vivenciaram, lamentam-se sobre os piores serviços, sobre os salários que eram menores que o dos homens. Sabem da inferiorização que emana do ponto de visto ideológico condicionado ao fato de que ser mulher é ser submissa, donas-de-casa, coitadas, fracas. As mulheres vivenciam esta situação, mas a interpretam, mas às vezes “se sujeitam porque não tem jeito”. Ma se sentem vitoriosa como afirma Dona Nair Bispo dos Santos (Ex-trabalhadora de armazéns de fumo)

O trabalho era cansativo, forçado, sofria muito mesmo, trabalhando de manhã até à tardinha, chegava em casa era aquele bucado de filho. Eu tive dez filhos, tinha que trabalhar, e os filhos maiores eram que cuidava dos menores. Tinha dia que não dava tempo nem pra comer. Ficava tudo na mão de Deus, era Deus que cuidava deles pra gente, a vida era tão difícil. Mais hoje eu me sinto bem e por ter passado por isto me ensinou a me valorizar. Hoje me sinto uma vitoriosa.

Neste contexto há mulheres que assumem sozinhas a família, são consideradas o “homem da casa”, Que até na própria terminologia da palavra confere a idéia e a importância do homem no lar, como o provedor das necessidades, o que não ocorria com muitas trabalhadoras dos armazéns, como direciona a entrevista “Os homens só fazia os filhos e deixava aí, eu é que tinha que me virar e criar” afirma Dona Nair Bispo dos Santos. Esta afirmação dá margem a interpretar as dificuldades das mulheres que tinham que criar os filhos sozinhas, numa sociedade que discriminava mães solteiras, possivelmente ela era vista como

³ O beneficiamento do fumo era feito em casa.

uma mulher da vida ou uma “rapariga”, amásia ou amante, a mulher de homens casados, que mantinha relação extra-conjugal clandestina.

Possivelmente era uma mulher ‘mal vista, mal falada’, excluída dos meios sociais. Fato este que direciona a idéia da preservação de uma moral rígida da honra, que estava vinculada á defesa dos “bons costumes” da virgindade, do casamento, preconceitos firmados tradicionalmente.. “Aqui era assim se uma mulher tivesse um filho e não casasse não era aceita. O filho de uma mão solteira não entrava nos lugares. Os filhos destas mulheres muitas vezes eram dos homens da alta sociedade, eles não assumiam a paternidade”. Refere-se Dona Luzia Lima Caldas, (Ex-secretária de armazém de fumo).

Muitas vezes estas mulheres trabalhadoras dos armazéns de fumo se envolviam com homens de um maior poder aquisitivo, donos de armazéns, mestres e até políticos, apesar de não reconhecerem oficialmente a paternidade, contribuíam com algum dinheiro para as despesas do lar. Esta também era uma estratégia de sobrevivência, de conquista material e até uma forma de conseguir proteção no trabalho. Por outro lado sofria uma forma de exclusão social que era refletida em toda família.

Este envolvimento com mestres e patrões, é fruto de relações extraconjugais, que garantiam a permanência no emprego e até alguns privilégios como afirma Dona Clemilda do Amor Divino (Ex-trabalhadora da atividade fumageira) “Muitas mulheres eram raparigas (amantes) dos mestres ou do dono dos armazéns, tinha filho deles, muitas ficava por necessidade, mas tinha mulher ‘discarada’, ‘cara aberta’ sem vergonha também.”

Parafraseando Michele Perrot as mulheres se afirmam pelas palavras, derrotando racionalmente, estratégia esta que poderia estar no uso do corpo sexualmente, para as mulheres do povo o sexo por vezes é encarada de forma mais simplificada. Vencer as dificuldades a dura rotina, exigia uma criatividade, o sexo era uma válvula de escape, onde a alegria e o prazer tornaram-se elementos que se misturam ao sofrimento no cotidiano, relações estratégicas entre poder e sexualidade, o que Foucault descreve como “o uso do prazer e da aprendizagem das artes da subjetividade com todas suas conotações políticas e simbólicas”. (FOUCAULT, 1984: 13)

Assim em várias circunstâncias, a autoridade masculina foi reduzida ou minimizada pelo fato das mulheres terem encontrado meios informais - através de mexericos, controle de informações e recusa a fornecer serviços de alimentação e sexo, entre outras maneiras de influenciar e exercer controle sobre os homens. (ROCHA COUTINHO, 1994: 19)

“As mulheres do povo tem outros saberes e poderes, principalmente, médicos, religiosos e culturais” (PERROT, 1988:181). Conhecem maneiras de aliviar doenças, tem estratégias de resistência principalmente na fala, muitos homens afirmam terem medo da ‘língua feminina’. Os truques das falas que criavam embates frente às diversas formas de exploração.

No entanto este poder não se localiza em uma única instância, mas se expressa de várias formas - os micro-poderes - enquanto práticas sociais, ao nível do próprio cotidiano. O surgimento dos saberes sobre a doença, a sexualidade, por exemplo, enquanto mecanismos de poderes disciplinadores, se afirmam como estratégias normalizadoras do discurso da sociedade. “Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, recalcamento, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo - como se começa a conhecer - e também a nível do saber.” (FOUCAULT, 1979: 148). O poder precisa de idéias que o justifique que lhe dê legitimidade, do contrário ele deixa de existir.

As representações destas vivências apontam para um passado entrelaçado de significados, que traz o corpo como lugar da experiência. Denuncia um cotidiano tenso e contraditório, que se manifesta de várias maneiras, quando em alguns momentos as trabalhadoras aceitavam as regras impostas, num processo de “conformismo” que pode significar uma tática de permanência no trabalho e até de sobrevivência, já que o desemprego era uma situação pior. Em outros momentos conseguiram criar brechas de resistências, provocando embates diretos: “Quando eu tinha minha razão ninguém tirava, eu sou da paz mais não venha me fazer de besta não!” Com forte entonação pronuncia Dona Raimunda Ribeiro Cunha (Ex-trabalhadora do armazém de fumo).

Havia o poder moderador, das relações, daquelas que lutavam mesmo que silenciosamente, as mulheres não são desprovidas de poder, pois ele também existe até na capacidade de resistir, de se libertar mesmo que lentamente, com os “caprichos” da vida. A fragilidade ganha força e coragem, as queixas e dificuldades são superadas com o sentimento de auto-valorização, com a certeza de ter vencido mesmo diante das adversidades.

Considerações finais

As vivências das mulheres na atividade fumageira em Conceição do Almeida-Ba traduzem a idéia de que dentro deste cotidiano do trabalho e diante desta produção econômica, que se definiram valores, que se formaram conflitos e ações que desenharam a história destes sujeitos.

Há de se dispensar uma atenção especial a estas mulheres que trabalharam na atividade fumageira, tanto nos armazéns como na zona rural, que construíram suas vidas e a vida da sua família a partir deste trabalho. Valorizando-as como mulheres, mães, e como os principais agentes neste campo social.

Ao fazer uma análise sobre as relações formadas neste ambiente de trabalho nos armazéns de fumo, é perceptível que nesta realidade as mulheres estavam diante de conflitos, situações de submissões e dificuldades. Estavam divididas entre o trabalho no lar e o trabalho nos armazéns de fumo, possuíam uma enorme carga de trabalho, obrigações domésticas que lhes eram pertinentes, além da falta de tempo para o descanso e para o lazer.

Em sua maioria analfabetas, mas com grande sabedoria, lutando no trabalho para proporcionar uma vida melhor para os filhos, lhes dando a oportunidade de estudar e de mudar de vida. Os filhos constituíram a ligação profunda com o mundo, tornando-se a razão do enfrentamento das dificuldades.

A intensa utilização desta mão-de-obra feminina reflete a exploração da mulher na atividade fumageira, na qual acentuam processos históricos vivenciados pelas mulheres que direcionam os conceitos historicamente construídos, de que as mulheres são submissas e conformadas, frágeis ou coitadas. Em meio a estas idéias as mulheres se rebelaram contra as situações a que foram expostas, quando utilizaram de estratégias e de ‘micro-poderes’, reagiram contra as pressões masculinas dos maridos, dos mestres e dos patrões e até da própria sociedade.

Driblaram preconceitos em busca de uma “emancipação”, o trabalho foi uma forma de auto-valorização, possuir a casa própria, ter seu próprio dinheiro significou para estas mulheres à conquista de uma forma de liberdade, proporcionou um sentimento de ‘estar no mundo’, onde as queixas são superadas pelo sentimento de ‘vitória.’

A pretensão deste artigo é expor idéias que não sejam meramente uma afirmativa, mas que traga possibilidades de interpretações, e de indagações, que através das observações aqui feitas, reflita o significado da história de mulheres no decorrer do exercício interpretativo das falas, bem como tentar perceber as permanências e as mudanças, os silêncios, as singularidades e as pluralidades destes sujeitos.

A observação destas experiências individuais e coletivas permitiu-me observar mais claramente, uma perspectiva do passado que ganhou voz, afirmando certos atributos que conjugam imagens deste cotidiano rememorado. Estas imagens estão impregnadas da prática do trabalho, dos interesses e estratégias. Dando um significado maior que pode ser percebido neste contexto, sendo necessárias posteriormente ampliações e novas discussões.

As entrevistas com estas mulheres simples e belas refletiram a memória preservada, na qual é revelada a lembrança dos filhos, do trabalho pesado, das amizades, dos laços de solidariedades formados. Remetem também a sentimentos ambíguos como a força e a fraqueza, o medo e a coragem, o amor e o ódio, a submissão e a revolta, a derrota e a vitória condicionados de seus caprichos.

Concluo com as belíssimas palavras de Cora Coralina:

RESSALVA

*Versos... Não
Poesia... Não
um modo diferente de contar velhas histórias*

Assim eu vejo a vida

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.*

Cora Coralina (Poemas dos Becos de Goiás)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira. **O que é feminismo** - São Paulo : Brasiliense, 2003.- Coleção Primeiros Passos)
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Tradução: Sérgio Milliet. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1949.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**. 3ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**: Tradução: Fernando Tomaz- 3ª ed.- Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.
- BRUCHINI, Cristina. **O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes**. In Anais do III Encontro de Estudos do trabalho. São Paulo: ABET. Vol.1, 1994.
- CARDOSO, Ciro Flamarior e Vainfas Ronaldo (Org.). **Ensaio de Teoria e Metodologia Domínios da História**. Rio de Janeiro. Campos. 1997.

- CERTEAU, Michel de, **A Invenção do Cotidiano**. Tradução Ephraim F. Alves - Petrópolis, RJ Vozes, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no São Paulo: Brasiliense**. 1986.
- DEL PRIORE. Mary. **História das Mulheres no Brasil** .São Paulo: Contexto. 2001.
- DIAS. M^a Odila Leite Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense. 1995.
- FAGUNDES. Tereza Cristina Carvalho. **Ensaio sobre identidade e gênero**. – Salvador : Helvécia, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. R. J. Graal, 1979.
- _____ **História da Sexualidade 2 : O uso dos Prazeres**, Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e historia**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.
- MEIRELES, Cecília, 1901-1964. **Poesia Completa**. V. 1- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- OLIVEIRA, Eleonora Menicucci. **A mulher, a sexualidade e o trabalho**. São Paulo: Hucitec CUT, 1999.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ROCHA COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- RAGO, Margareth, **Trabalho Feminino e Sexualidade**. DEL PRIORE. Mary. (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.
- SAFFIOTI. Heleieth Iara Bonogiovani: **A mulher na sociedade de classe. Mito e Realidade**. São Paulo. Quatro Artes, 1969.
- SCOTT, Joan W. **Entrevista dada a revista Estudos Feministas** - Rio de Janeiro. IFCS (UFRJ). v.8, n^o1, 1998,
- SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer Charutos: Uma Atividade Feminina**. Salvador-Ba, 2001.P.il 2004.Dissertação de Mestrado. UFBA.

REFERÊNCIAS ORAIS

Clemilda do Amor Divino
Crispiniana Santos Maia
Maria Nilza de Jesus
Maria Margarida Nunes Santos
Nair Bispo dos Santos
Raimunda Ribeiro Cunha
Laura Pereira de Jesus
Luzia Lima Caldas